

A Representação dos Afrodescendentes em *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire
The Representation of Afro-descendants in *Contos Negreiros* by Marcelino Freire

Lucília Paula de Azevedo Ferreira¹
Universidade Federal do Tocantins

Maria Perla Araújo Morais²
Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Este trabalho se propõe analisar os contos “Trabalhadores do Brasil” e “Curso Superior”, do livro *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, para refletir sobre a representação dos afrodescendentes na Literatura Brasileira Contemporânea. O livro explora aspectos que colocam esse grupo em primeiro plano, como protagonistas. Nas narrativas, eles têm o poder da fala e questionam um sistema social injusto a partir de suas vozes, que contam/cantam a exclusão racial no Brasil. Para expressar o falar popular imerso em um cotidiano de sofrimentos, misérias humanas e exclusão social, o autor utiliza uma linguagem coloquial como forma de chamar atenção para o que está sendo narrado e para demarcar no discurso a força da indignação. Os contos se constituem em relatos de personagens que contam suas histórias por meio de narrativas ou por meio de diálogos. Verificaremos quais concepções ideológicas são acionadas para retratar esse grupo social na atualidade e quais estratégias literárias o escritor utiliza para marcar a identidade dos afrodescendentes.

Palavras-chave: Afrodescendentes; Literatura Brasileira; Identidade; Marcelino Freire.

Abstract: This work intends to analyze the short stories “Trabalhadores do Brasil” and “Curso Superior”, from the book *Contos Negreiros* by Marcelino Freire, to reflect about the representation of afro-descendants in Contemporary Brazilian Literature. The book explores aspects that place the afro-descendants in foreground as protagonists. In the stories, they have the power of speech and question an unfair social system, narrating/singing the racial exclusion in Brazil. To express the popular speech immersed in a routine of sufferings, human miseries and social exclusion, the author uses a colloquial language as a way of call attention to what is narrated and to delimit in the speech the power of the indignation. The short stories constitute in reports of characters who tell their history through narratives or dialogues. That way, we’re going to verify which ideological conceptions are used to portray this social group nowadays and which literary strategies the author uses to show afro-descendants’ identity.

Key-words: Afro-descendants; Brazilian Literature; Identity; Marcelino Freire.

Submetido em 03 de dezembro de 2015.

Aprovado em 25 de fevereiro de 2016.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, e-mail: luciliapaula@yahoo.com.br

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, e-mail: perlamorais@gmail.com

O livro *Contos Negreiros*, de Marcelino Freire, possui uma linguagem significativa. Por meio do discurso das personagens há a representação das relações sociais na atualidade, desmascarando as injustiças sociais em dezesseis narrativas. Nascido no sertão de Pernambuco e vivendo em São Paulo desde 1991, Marcelino Freire é considerado um dos principais nomes da nova geração de escritores brasileiros, tem publicado vários livros de diferentes formatos, compostos por vários gêneros literários. Na obra em questão, que já está em sua 6ª edição, Marcelino aborda temas relacionados às misérias humanas e sociais. A paisagem urbana brasileira é o cenário principal de seus cantos (contos), como as zonas de prostituição, morros, favelas e pontos turísticos, espaços onde é exposta uma realidade complexa e miserável, vivida por prostitutas, homossexuais, negros, índios, além de traficantes de órgãos, e turistas sexuais. Nos contos que tratam dos afrodescendentes, o narrador negro dialoga com um interlocutor branco de classe social dominante em situação de enfrentamento social.

Os contos do livro são chamados de cantos em razão do falar popular (a oralidade com aspectos de musicalidade de que Marcelino se serve); em razão do seu diálogo com o poema *Navio Negreiro*, de Castro Alves, e porque tratará de “cantos”, das margens, tanto espaciais quanto sociais.

Marcelino Freire questiona os estereótipos por meio de mecanismos textuais que demonstram a indignação diante de uma realidade excludente. Diante sociedade preconceituosa, o sujeito negro é sempre colocado em um status de inferioridade e reduzido à condição de objeto e nunca de sujeito de sua própria história. Uma realidade complexa e miserável é exposta na fala dos negros marginalizados, para incomodar aqueles que sempre os trataram com discriminação. Assim, nesses contos, gritam sua própria situação de abandono e exclusão para que sejam ouvidos e para que todos saibam de sua insatisfação. Portanto, por meio do trabalho linguístico, tentam articular a miséria e exclusão para, então, se tornar visíveis para a comunidade nacional:

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença com unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto – como nas fantasias do eu “inteiro” de que fala a

psicanálise lacaniana – as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas. (HALL, 2014, p.36)

Marcelino Freire, ao dar voz em muitos contos ao negro, questiona o discurso oficial em que esse grupo social é visto apenas como objeto e nunca como sujeito de seu próprio discurso: “A linguagem circulante em torno à escravidão é, evidentemente, a do dominador, já que o dominado, o africano, não dispunha de linguagem prestante para descrever a situação em que se encontrava” (MEXIAS SIMON, 1996, p. 16).

Esse uso da palavra como forma de resistência está diretamente relacionado à tradição oral que nas civilizações africanas tem um papel formador. Estas são chamadas de *civilizações da oralidade*, devido ao privilégio que concedem à palavra verbalizada como depositária e veículo do conhecimento. As línguas africanas foram conservadas e transmitidas pela linguagem oral. Os descendentes de africanos perpetuaram no Brasil o valor civilizatório da *palavra falada*, que aqui se transformou em condição de coesão e ajuda para a sobrevivência de um grupo. (PETTER, s/d, p. 4). Possivelmente, a importância que Marcelino Freire dá a oralidade tenta enfatizar esse valor.

Há, a partir dos relatos dos contos do livro de Marcelino Freire, um exercício de rememorar as durezas da vida, a violência, a que os negros foram submetidos no passado colonial do Brasil e que persiste nos dias atuais. O recurso da memória é utilizado como modo de percepção e interpretação da realidade a partir de um enunciador negro não mais dominado e fraco, mas como uma personagem que discorre de forma pungente acerca da própria situação.

Essa memória se reflete no jogo da língua, porque o efeito de oralidade procurado nas narrativas serve para marcar o ontem e o hoje, em relação à situação social dos afrodescendentes. Ao se narrar uma experiência se tem um pouco da intensidade do vivido, em que as particularidades de cada personagem, seus sotaques e expressões próprias trazem um efeito do real. São vozes que argumentam e se defendem buscando se fazer entender, são cantos ecoados em uma agressividade ritmada como forma de se fazer ouvir:

[...] ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem? Hein seu branco safado? Ninguém aqui é escravo de ninguém. (FREIRE, 2012, p. 19-20)

U, hum. Agora ter que aguentar esse bebo belzebu. O que é que ele me dá? Bolacha na desmancha. Porrada na canela. [...] (FREIRE, 2012, p. 41)

[...] Sumir na mata fechada. Espinho de flecha, pedra de amolar. [...] Meu sonho não foi sempre o de voar, feito um Orixá? Pôr meus pés em cabine de avião? Diz aí, meu irmão, minha asa quem mandou cortar? [...] (FREIRE, 2012, p. 53-54)

Zé, essa é boa. O que danado a gente vai fazer em Lisboa? Bariloche e Shangri-lá? Traslados para lá. Para cá. [...] A gente não devia sair do lugar. (FREIRE, 2012, p. 67)

A memória coletiva, enquanto fonte cultural, ainda é corroborada pela citação de nomes do universo dos africanos. Na escrita dos contos há a utilização de termos que relembram a luta dos negros contra a escravidão como no conto “Nação Zumbi”, que, já pelo título, nos faz lembrar de Zumbi dos Palmares - um importante representante da resistência negra contra a escravidão na época do Brasil Colonial. Há, neste mesmo conto, a frase “sumir na mata fechada”, que nos remete ao tempo de escravidão no Brasil. Nesse período, os negros que conseguiam fugir se refugiavam em locais bem escondidos no meio das matas. Roland Walter (2009) ainda reforça:

Além de ser um dos símbolos-chave da resistência à escravidão, a floresta é um lugar de iniciação histórico-cultural e, portanto, identitária. Comparada a um —ventre-mãe (Chamoiseau, 1997b, p. 105), a floresta é o lugar do renascimento onde o escravo velho aciona a reconstrução do seu ego; o que significa que a fuga à floresta é, ao mesmo tempo, uma viagem ao *self*. (WALTER, 2009, p. 217)

Há alguns nomes africanos presentes no livro, de Marcelino Freire, como os do conto “Trabalhadores do Brasil” que nomeia seus personagens por meio de referências africanas e afro-brasileiras, como nomes de orixás e de personalidades africanas como Zumbi dos Palmares e Rainha Quelé. Há, ainda, nomes de lugares africanos nos contos como: Luanda, Pretória, Nampula e Etiópia. Esses nomes de origem africana e que remetem ao continente africano, presentes na narrativa, perpetuam lembranças ao fazer com que se volte para o passado, à cultura de um povo que também foi importante para a construção histórico-cultural do Brasil. Através dos nomes africanos são resgatados aspectos da cultura popular africana.

Em *Contos Negreiros*, são negros que narram, cantam sua própria experiência para rememorar suas tribulações. Desta forma, Marcelino Freire os coloca no centro das atenções. Somente um enunciador negro, que conhece sua realidade, pode nos fazer

adentrar em seus sofrimentos, angústias que passam nas batalhas diárias de suas vidas esquecidas e abandonadas pelo discurso dominante. Para refletir sobre essas questões, analisaremos os contos: “Trabalhadores do Brasil” e “Curso Superior”.

Em “Trabalhadores do Brasil”, é relatado o cotidiano árduo de trabalho dos negros em seus “subempregos”. É uma narrativa que demonstra revolta diante de um país comandado por preconceito de raça e de classe. Para entendermos como esta situação se instaurou em nosso país vamos nos apropriar das palavras de Francisco Esteves (2013) que, no livro *Populações tradicionais do Tocantins – cultura e saberes de comunidades quilombolas*, apresenta explicações sobre o racismo:

Os estudos sobre o legado da escravidão no Brasil iniciaram-se por uma vertente racista e racialista amparada por um cientificismo característico do final do século XIX, de base evolucionista, que possuía uma visão hierarquizada de “raça”. Essa vertente (ROMERO, 1949; RODRIGUES, 1939; VIANNA, 1923) postulava a inferioridade da “raça” negra, justificando suas teses através de supostas evidências extraídas, primeiramente, do “atraso das sociedades africanas”, e também, da crença de que as raças isoladas possuíam força e autenticidade, razão pela qual a miscigenação, largamente observada no Brasil, representava uma violação da pretendida pureza racial. Para modificar essa ordem social, impura, miscigenada, seriam necessárias, de acordo com seus autores, estratégias de branqueamento da população brasileira, como forma de incentivar seu processo civilizatório. (ESTEVEES, 2013, p. 9)

Essa vertente racista que postulava a inferioridade da “raça” negra é um dos principais fatores que contribuíram para as injustiças sociais e preconceitos raciais no Brasil. Em “Trabalhadores do Brasil” temos representadas as distâncias que ainda separam negros de brancos na atualidade, a partir das desiguais relações de trabalho:

Enquanto Zumbi trabalha cortando cana na zona da mata pernambucana Olorô-Quê vende carne de segunda a segunda ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem?

Enquanto a gente dança no bico da garrafinha Odé trabalha de segurança pega ladrão que não respeita quem ganha pão que o Tição amassou honestamente enquanto Obatalá faz o serviço pra muita gente que não levanta um saco de cimento tá me ouvindo bem?

Enquanto Rainha Quelé limpa fossa de banheiro Sambongo bungo na lama e isso parece que dá grana porque o povo se junta e aplaude Sambongo na merda pulando de cima da ponte tá me ouvindo bem? (FREIRE, 2012, p. 19-20)

Os personagens dos contos de Freire recebem nomes de alguns Orixás e de referências africanas e afro-brasileiras. Encontramos em *O Dicionário da Umbanda* algumas definições para esses nomes como: o orixá Odé que representa “Oxóssi velho. São Jorge”; já Obatalá significaria “Céu. Abóbada celeste. Deus” e Olorum seria “Deus supremo, objetivado no céu. Termo nagô” (PINTO, s/d, p. 134, 133, 136). Há, ainda, nomes de figuras negras históricas e referências ao mundo das fábulas como Zumbi dos Palmares; Rainha Quelé – *apelido* da cantora Clementina de Jesus; Cavaleiro Tição, um jovem esquartejado pelo próprio exército para defender o castelo de Trancoso, em Portugal. (LIMA, 2007, p. 159).

Essa estratégia de nomear os personagens com nomes africanos realça no presente o tempo passado. Esse é um artifício para mostrar que o continente africano ainda está entre nós: “[...] o nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos” (CARVALHINHOS, 2007, p. 2).

Acreditamos que a utilização de termos africanos para nomear as personagens na narrativa vem justamente resgatar a história de um povo para que sua significação possa ser reconstruída. É dessa forma que os trabalhadores do Brasil, no conto de Marcelino Freire, querem ser lembrados e reconhecidos. Por isso, no final do conto explanam: “Hein seu branco safado?/Ninguém aqui é escravo de ninguém” (FREIRE, 2012, p. 20).

A ausência de pontuação, no conto, apenas prevalecendo os pontos de interrogação no final de cada parágrafo, enfatiza um ritmo de fala de desabafo. Na última frase do conto, temos bem claro essa emoção: “Ninguém aqui é escravo de ninguém”. Esse desabafo, expresso como se fosse um grito, realça a necessidade de reconhecimento social e a discussão do rótulo da escravidão ainda hoje.

O uso da conjunção “enquanto”, que marca o início de todos os parágrafos do conto, indica valor temporal e proporcional. Como verificamos no trecho do conto, durante o tempo que Zumbi está trabalhando, Olorô-Quê também está. Todos têm uma ocupação, não param, isto é reforçado pela frase: “[...] ninguém vive aqui com a bunda preta para cima tá me ouvindo bem?” (FREIRE, 2012, p. 19). Sobre as conjunções que expressam relações de tempo, HENRIQUES (2008) afirma:

Essas relações expõem uma informação que ocorre cronologicamente, antes de outra, depois de outra, ao mesmo tempo que outra e indicam obrigatoriamente anterioridade, posteridade ou simultaneidade temporal. (HENRIQUES, 2008, p. 166-167)

A estrutura do conto explora o tempo duplo para indicar a perpetuação do trabalho, portanto, o valor temporal e proporcional da conjunção “enquanto” nos faz entender a intensidade do trabalho na vida da classe subalterna. Por isso, é relevante a pergunta no final do conto, já que o contexto social aponta para uma escravidão contemporânea. O caráter de interrogação da narrativa é uma forma de libertá-los do silêncio proporcionado pela falta de oportunidade, inconformados com a forma como o negro é visto e tratado por uma sociedade excludente:

Enquanto Olorum trabalha como cobrador de ônibus naquele transe infernal de trânsito Ossonhe sonha com um novo amor pra ganhar 1 passe ou 2 na praça turbulenta do Pelô fazer sexo oral anal seja lá com quem for ta me ouvindo bem? (FREIRE, 2012, p. 19)

Para expressar o falar popular o autor se utiliza de uma linguagem coloquial. O conto, em questão, se constitui em relatos de personagens que contam suas histórias por meio de narrativas e por meio de diálogos. A partir do tom com que os fatos são relatados, verificamos que há uma insatisfação diante do vivido, pois a voz que canta revela a sua angústia diante da realidade que é explicitada pelo tom de reclamação. Ainda observamos na passagem acima uma escrita apressada que interpretamos como expressão da ânsia de pessoas que chegaram em seu limite de tolerância da situação de exploração.

Alexandre Ciconello (2008) apresenta explicações acerca do passado de escravidão em nosso país. O Brasil foi o principal destinatário do comércio internacional de escravos africanos entre os séculos XVI e XIX e um dos últimos países das Américas a abolir o regime escravocrata, em 1888:

Estima-se que 4.2 milhões de homens e mulheres chegaram em terras brasileiras, violentamente forçados a sair da África e cruzar o Oceano Atlântico em condições precárias, para se transformarem em escravos no Brasil. A título de ilustração, até 1800, o país recebeu 2.5 milhões de africanos/as, enquanto para toda a América espanhola, no mesmo período, foram menos de 1 milhão. Por volta de 1872, de todos os escravos vivendo no país, mais de 90% haviam nascido no Brasil. Em

1890, dois anos após a abolição do regime escravocrata, a população negra representava quase 50% da população brasileira. (ANDREWS apud CICONELLO, 2008, p. 2)

Como vimos, muitos homens e mulheres foram forçados a sair de suas terras de forma violenta e em condições precárias, tratados como objetos, sem valor. A escravidão e a forma como o racismo se perpetuou trouxe muitos empecilhos ao povo vitimado por essa situação. Portanto, em “Trabalhadores do Brasil”, testificamos uma presentificação do passado com paralelos temporais: o passado de escravidão em paralelo com a escravidão na atualidade. A memória africana são os próprios trabalhadores.

Cinco séculos após o início da escravidão, a discriminação racial no Brasil ainda existe de várias formas. Sendo o passado de exclusão da população negra sua condição de pobreza, a negação de seus direitos após a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, causa as persistentes desigualdades raciais e sociais nesse grupo da sociedade. Para tanto, Freire utiliza-se da oralidade e da memória para apresentar as condições extremas vividas na contemporaneidade.

No conto “Curso superior”, um jovem expõe para sua mãe seu medo em frequentar espaços em que somente circulam pessoas pertencentes à classe economicamente favorecida. A discrepância na educação faz com que a população menos favorecida, ao competir por uma vaga na universidade ou em um emprego, esteja sempre em desvantagem devido à baixa escolaridade.

O jovem do conto “Curso superior” se sente inseguro para entrar em uma faculdade devido às experiências que teve de um ensino defasado e, por isso, se considera incapaz de prosseguir com o curso: “O meu medo é entrar na faculdade e tirar zero eu que nunca fui bom de matemática fraco no inglês eu que nunca gostei de química geografia e português o que é que eu faço agora hein mãe não sei” (FREIRE, 2012, p. 97).

O fato de ele não ser bom em matemática, ser fraco no inglês e não gostar de química, se encarado do ponto de vista positivo, poderia ser visto como uma superação. Ou seja, mesmo não sendo tão bom nessas disciplinas, o personagem do conto conseguiu terminar o ensino médio e está prestes a entrar no ensino superior. Mas a

superação, o ponto positivo, é relido à luz das dúvidas, incertezas e inseguranças. O personagem está entrelaçado ao sistema social que o delimita na exclusão.

Verificamos, ainda, a partir dos relatos do personagem, a predominância do preconceito social e racial que decide todas as suas ações:

O meu medo é o preconceito e o professor ficar me perguntando o tempo inteiro por que eu não passei por que eu não passei por que eu não passei por que fiquei olhando aquela loira gostosa o que é que eu faço se ela me der bola hein mãe não sei. (FREIRE, 2012, p. 97)

Além de temer o insucesso nos estudos, algo que também afligia o personagem era ser tratado com preconceito. A repetição da frase “por que eu não passei” revela o grande incômodo que sentia diante daquela situação.

O jovem prevê sua entrada em um curso superior como algo que lhe trará muita insegurança, pois a faculdade para ele, em vez de ser vista como um ambiente de aprendizagem, será só mais uma instituição que espelha a sociedade. Alexandre Ciconello (2008) afirma que,

Em 2005, apenas 6,6% dos jovens negros freqüentavam a universidade; entre os brancos esse percentual era cerca de três vezes maior (19%). As informações disponíveis mostram que as universidades brasileiras, celeiros da elite, garantem um lugar cativo para a população branca, formando profissionais brancos que reproduzirão na sociedade preconceitos e estereótipos que auxiliam na reprodução das desigualdades raciais. (CICONELLO, 2008, p. 5)

Para reverter discrepâncias raciais como essa, há um programa de cotas aos afrodescendentes nas universidades brasileiras. Segundo informações do site oficial do governo, as cotas raciais são uma das medidas afirmativas, estabelecidas pelo governo, em prol da população afro-brasileira, pois tem como objetivo proporcionar que um maior número possível de negros seja inserido na rede universitária do país. Essa medida é reforçada a partir de dados do Censo de 2010 do Ministério da Educação, de que há historicamente grande desproporção no número de universitários brancos, 31,1%, pardos e pretos, 13,4% e 12,8%, respectivamente (PORTAL BRASIL, 2012).

Nos trechos seguintes, o jovem estende seus temores aos possíveis relacionamentos amorosos que teria na faculdade. Ele tem medo de se relacionar com

uma moça branca, porque os pais dela poderiam não ter uma boa reação ao saber que o namorado da filha é negro:

O meu medo é a loira gostosa ficar grávida e eu não sei como a senhora vai receber a loira gostosa lá em casa se a senhora disse um dia que eu devia olhar bem para a minha cara antes de chegar aqui com uma namorada hein mãe não sei.

O meu medo também é do pai da loira gostosa e da mãe da loira gostosa e do irmão da loira gostosa no dia em que a loira gostosa me apresentar para a família como o homem da sua vida será que é verdade será que isso é felicidade hein mãe não sei. (FREIRE, 2012, p. 97-98)

Por ser vítima de preconceito, para o personagem, ter uma namorada branca traria complicações para sua vida. Ele teme a não aceitação do seu relacionamento por parte da própria mãe que o alerta na escolha de quem irá namorar: “[...] a senhora disse um dia que eu devia olhar bem para a minha cara antes de chegar aqui com uma namorada” (FREIRE, 2012, p. 97). Tem-se aí uma sujeição ao modelo discriminatório da sociedade, em que a mãe e o filho sentem-se inferiorizados e temem estabelecer relação com aqueles que os inferiorizam.

O personagem do conto, de Marcelino Freire, sente-se refém de uma sociedade preconceituosa que o obriga a manter-se no cativeiro da exclusão, na falta de oportunidade e na baixa escolaridade.

Tal como o conto “Trabalhadores do Brasil”, em “Curso superior”, o personagem teme ser vítima de preconceito pela sociedade como se estivesse vivendo uma escravidão na atualidade.

Na época da escravidão no Brasil colonial, uma das formas de controlar os escravos e mantê-los trabalhando eram os castigos físicos:

Os escravos negros [...] eram controlados com mão-de-ferro pelos senhores de engenho, que delegavam aos feitores e outros agregados a fiscalização dos cativos. Os castigos físicos, como o açoitamento, estavam entre os métodos de intimidação que garantiam o trabalho, a obediência e a manutenção dos servos e se prolongaram pelos mais de 300 anos de escravidão no Brasil. (Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo, s/d, p. 3)

Os escravos se submetiam às ordens dos senhores de engenho temendo ser castigados. Desta forma, a ideia do castigo continua sendo a mesma. Porém, agora seria

um castigo psicológico. O personagem do conto encontra-se intimidado só em pensar no castigo que receberia ao não seguir o que determina a sociedade discriminatória. Por isso, o personagem pergunta à mãe no final do primeiro parágrafo do conto: “o que é que eu faço agora hein mãe não sei”. Transparece, nesse questionamento, um desalento de quem está aprisionado a uma situação e não sabe como resolvê-la. Se pensarmos que a situação tem explicações históricas e sociais, de fato, seria muito difícil um indivíduo mudá-la.

O conto “Curso superior” mostra os anseios de um jovem ao adentrar em espaços em que a população branca é maioria. Desta forma, são retratados no conto os medos e falta de perspectivas na vida de quem é vítima de preconceito racial e social. Em meio às desigualdades, o jovem se sente tão hostilizado pela sociedade que se vê com inferioridade e sem perspectivas:

O meu medo é a situação piorar e eu não conseguir arranjar emprego nem de faxineiro nem de porteiro nem de ajudante de pedreiro e o pessoal dizer que o governo já fez o que pôde já pôde o que fez já deu a sua cota de participação hein mãe não sei.

O meu medo é que mesmo com diploma debaixo do braço andando por aí desiludido e desempregado o policial me olhe de cara feia e eu acabe fazendo uma burrice sei lá uma besteira será que vou ter direito a uma cela especial hein mãe não sei. (FREIRE, 2012, p. 98)

O livro do escritor pernambucano Marcelino Freire explorou alguns aspectos que colocam o negro em primeiro plano, como protagonista das histórias. Embora a sociedade relute em discutir o preconceito existente em relação a esse grupo, na Literatura, a partir de Contos Negreiros, foi possível levantar esse questionamento.

Com o fortalecimento dos movimentos pela igualdade étnica e social, é comum narrativas que questionam esses lugares discursivos e espaciais que demarcam a exclusão. Como vimos nos dois contos, Marcelino Freire discute o lugar de exclusão em que os negros se encontram na sociedade brasileira. Esse lugar é discursivo (os cantos e desabafos de cada personagem) e também espacial (os cantos sinônimo de periferia ou subúrbios).

REFERÊNCIAS

Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.bv.sp.gov.br>. Acesso em: 20/02/2014.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. *DOMÍNIOS DE LINGU@GEM*. Revista Eletrônica de Linguística. Ano 1, nº1 – 1º Semestre de 2007.

CICONELLO, Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. In: *From Poverty to Power: How Active Citizens and Effective States Can Change the World*. Oxfam International, 2008.

ESTEVES, Francisco Patrício. Quilombos: uma discussão conceitual. In: ANDRADE, Karylleila; FLORES, Kátia Maia; BODNAR, Roseli (Org.). *Populações tradicionais do Tocantins: cultura e saberes de comunidades quilombolas*. Tocantins: UFT, 2013.

FREIRE, Marcelino. *Contos Negreiros*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HENRIQUES, Claudio Cesar. *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto*. Rio de Janeiro, Elsevier, 2008.

LIMA, Francesco Jordani Rodrigues de. Cantos e cantares em *Contos negreiros*, de Marcelino Freire. *Via Atlântica*. nº 12. dez/2007.

MEXIAS SIMON, Maria Lúcia. *O falar da escravidão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Línguas Africanas no Brasil*. Disponível em: http://www.capeiravadiacao.com/attachments/255_L%C3%ADnguas%20Africanas%20no%20Brasil%20-%20Margarida%20Maria%20Taddoni%20Peter.pdf. Acesso em: 28/12/2013.

PINTO, Altair (org.). *Dicionário da Umbanda*. 6ª ed. Eco, s/d.

PORTAL BRASIL (2012). *Lei de cotas*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/11/lei-de-cotas>. Acesso em: 21/02/2014.

WALTER, Roland. Os rumores de água na terra da transescrita negra. In: *Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário* / Organizadores: Tânia Lima, Izabel Nascimento, Andrey Oliveira. – 1.ed. - Natal: Lucgraf, 2009.